

# historia: fronteiras



**Vol. I**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)



Volume I

# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

## LEÕES ALADOS E CÍRCULOS TRIANGULARES

---

Francisco Murari Pires  
*Universidade de São Paulo*

**S**opesadas as sortes guerreiras de aqueus e de troianos, a destes ascendera ao alto contra a daqueles baixada a tocar as regiões inferiores. Assim, o avanço vencedor troiano ameaça as naus e acampamento aqueu, agora já ao alcance de sua agressão incendiária. Os aqueus, apenas poupados naquele dia pelo cair da noite, encerrando a jornada de combates, afligem-se quase desesperados por tal reversão a frustrar sua obra heróica. Conscientizam a urgência do retorno de Aquiles, única potência capaz de livrá-los daquelas ameaças, então ausente do confronto bélico porque irado contra Agamêmnon e seus comandados. O próprio Agamêmnon reconhece os erros de sua ofensa que causara a ira do herói salvador, e se dispõe, agora, a ressarcir devidamente a honra do Pelida, oferecendo-lhe irrepreensível acúmulo de presentes régios em reparação. Cumpria-se o desígnio de Zeus.

Então Nestor, aplaudindo a principesca recompensa com que tentariam persuadir o retorno salvador de Aquiles aos combates, aconselhou todos os modos de conformar aquela embaixada ao herói. Assim, logo designou quem seriam os apropriados emissários para os desempenhos que se reclamavam de uma tal missão:

Fênix primeiro, amado de Zeus; ele que conduza a embaixada; depois o grande Ájax e o divino Odisseu; e entre os arautos, sejam Ódio e Euríbates a acompanhá-los<sup>1</sup>.

Portanto, três emissários, distintamente nomeados: Fênix, Ájax e Odisseu, sob a condução do primeiro. E lá se foi a Embaixada a caminho da tenda do Pelida, então lá retirado ausente da guerra troiana!

Todavia, ao prosseguir Homero seu relato do episódio, eis que começam a surgir na narrativa formas duais de referência aos enviados! Pois, logo, ao descrever a marcha em caminho para o acampamento guerreiro de Aquiles, diz o poeta que “eles dois seguiam ao longo da beira do mar ressoante”, a dirigir preces a Posídon, a fim que o deus lhes viabilizasse dons persuasivos para aquela sua fala à alma orgulhosa do Pelida. Depois, a narrar agora a chegada à tenda do irado herói, vale-se novamente o poeta do emprego da forma dual:

Os dois avançaram, primeiro o divino Odisseu, e detiveram-se diante dele<sup>2</sup>.

E ainda a dizer os termos da saudação em cumprimento que lhes dirigiu Aquiles:

Salve; sois decerto bem-vindos. Sem dúvida que vos traz uma necessidade. Apesar de minha ira, sois os aqueus que eu mais estimo. Tendo assim falado, o divino Aquiles fê-los avançar, e sentar em longas cadeiras com tapeçarias de púrpura<sup>3</sup>.

54

Agora, então, a formulação poética da narrativa enseja antes uma memorização que diz também de um grupo destacado de apenas dois emissários, assim anonimamente referidos pela forma dual. Afinal, quantos enviados compõem a embaixada: dois ou três? Não há contradição no texto homérico? Seriam, quem sabe, resquícios de versões diferentes do mesmo episódio, assim canhestamente mescladas, ou indevidamente interpoladas, na singular performance poética que, registrada em texto escrito, compôs a tradição a nós transmitida da *Iliada* homérica?

Gregory Nagy, em sua importante obra *The Best of the Achaeans*<sup>4</sup>, certamente de aportes e contribuições altamente renovadores, além de exemplar por suas análises textuais de acuidade formal minuciosa, retomou a abordagem dessa já clássica questão homérica, de persistência pelo menos secular na tradição da crítica filológica moderna, propondo uma sua nova resolução, cuja trama argumentativa agora passamos a expor reproduzindo-a quase que na íntegra, modo mesmo porque intentamos reconhecer desde já a inteligência de sua consecução crítica.

De início Nagy constata, já no informe inicial a identificar nominalmente a composição da embaixada que Nestor indicara, o registro de uma primeira formulação temática, pela qual o poeta apresenta Fênix, o venerando ancião tão caro a Aquiles, no papel de destaque, a liderar a condução da mesma junto à tenda do irado herói<sup>5</sup>.

Todavia, logo a seguir na narrativa, e agora divergindo dessa primeira proposição, a *Ilíada* envereda por outra variante temática, marcando antes nitidamente o primado odisséico na atualização desse papel de liderança. E já assim o faz ao mencionar o modo porque, em despedida aos enviados, o próprio Nestor induzira-lhes a recomendação no sentido de empenharem seu melhor zelo naquela missão persuasiva: “a dar sinais com os olhos a cada um, especialmente a Odisseu”<sup>6</sup>. Primado que se desdobra por mais outros atos de Odisseu, o qual assume todas as iniciativas na execução da embaixada, postando-se à frente de seus companheiros já na marcha de ida<sup>7</sup>, e também depois, agora encerrada a refeição com que hospitaleiro os brindou o Pelida, ao tomar a palavra, encetando o discurso porque comunicou a mensagem da oferta magnífica de presentes feita por Agamêmnon a Aquiles, quando Ájax, entretanto, dera silencioso sinal a Fênix para que este assim o fizesse!<sup>8</sup> E primado de uma liderança odisséica ainda completado pela descrição final do episódio: é ele, Odisseu, quem, com a retenção de Fênix junto a Aquiles, uma vez frustrada a embaixada, comanda também a volta, encarregando-se da fala em que expôs aos chefes aqueus a recusa de Aquiles<sup>9</sup>.

Assim se configura, pelo desdobramento narrativo do episódio na *Ilíada*, um padrão temático que assinala a “auto-afirmação heróica de Odisseu”, o qual, entende Nagy, é “o reflexo em particular de um de seus muitos papéis, o de trickster”<sup>10</sup>. Pois, prossegue Nagy, é pela eficácia astuciosa dessa sua singularmente distintiva modalidade de excelência heróica que Odisseu assume o encargo de obrar a persuasão discursiva com que intenta seduzir o retorno de Aquiles aos combates. Então, a melhor efetuar um tal desempenho de competência astuciosa, Odisseu opera “um ajuste significativo” a manipular a formulação original da

mensagem de Agamêmnon. Pois nesta o Atrida fizera expressa questão de que, a encerrar todo o informe dos tantos e esplêndidos presentes por ele agora ofertados como reparação honorífica pela ofensa por ele cometida, fosse dito também a Aquiles que “se submetesse a ele, Agamêmnon, na medida mesma em que era mais rei do que Aquiles, e na medida em que se gabava de ser o mais velho”. Assim Agamêmnon reiterava sua superioridade pessoal absoluta no campo aqueu, a cuja suserania incontestemente Aquiles deveria submeter-se. Já Odisseu, ao reproduzir esta mensagem, obliterou, suprimiu seu recado final. Ora, argumenta Nagy, em parte corroborando um comentário de Cedric Whitman, tivesse tido êxito Odisseu em, por tal expediente discursivo astucioso, obter a anuência de Aquiles de retomar os esforços bélicos, então “teria este herói abortada sua estatura na *Ilíada*, de modo a que o herói malograria em sua própria épica”<sup>11</sup>.

Mas Aquiles, comenta Nagy, não se deixou suadir, pelo contrário, suspeito, replicou duros, porém não menos justos, termos com que “peremptório rejeitou o discurso de Odisseu”: pois a mim é tão odioso quanto os portais do Hades quem oculta uma coisa em seus pensamentos e diz outra<sup>12</sup>.

E já antes, em outra passagem, acredita Nagy, a *Ilíada* dera a entender como as reações de Aquiles supõem essa sua animosidade contra a figura de Odisseu, a considerá-lo “odioso, inimigo” (*ekhthros*). Pois, argumenta o crítico, em que termos saudara ele a vinda dos enviados, assim que os discerniu a aproximarem-se de sua tenda? Eis a tradução de Nagy (todavia, vertida um tanto, literalmente em português): “Salve a dois de vós: vós viestes como amigos, eu bem vos necessito – vós dois que sois os mais caros a mim dentre os aqueus, ainda agora quando estou zangado”<sup>13</sup>. Pelas fórmulas duais compostas na saudação em cumprimento de Aquiles, quem seriam então os apenas dois enviados assim aludidos? Ora, o herói confessa serem eles “os mais queridos” à sua pessoa dentre os aqueus todos. Se, depois na réplica ao discurso, Odisseu é, pelo contrário, claramente definido por Aquiles mesmo como “odioso” segundo termos violentos que bem se aplicam “ao comportamento épico” do herói falso por excelência em suas declarações “a continuamente di-

zer uma coisa para significar outra”, então há que se concluir que, por tais referências duais, sejam Ajax e Fênix os amigos assim referidos na saudação, portanto, dela ficando excluído o aqueu que lhe é antes odioso inimigo, Odisseu!

Eis, pois, a chave da interpretação descoberta por Nagy: os duais supõem a indicação mais precisa que identifica as figuras associadas de Ajax e Fênix como os grandes afetos de amizade aquéia de Aquiles, contra Odisseu, personagem épico do “consumado hipócrita”<sup>14</sup>, a ele odioso pela *métis* de ludíbrios dissimulantes de pensamento de suas falas.

À atualização formal de linguagem assim disposta pelo desenvolvimento da composição poética iliádica do episódio a valer-se da fórmula dual corresponde, conjectura Nagy, a disjunção de uma dupla configuração no âmbito do repertório de conteúdos temáticos disponíveis na memória da tradição épica homérica. Um contava a “Embaixada de Ajax e Fênix a Aquiles”. Outro lembrava “estórias de uma inimizade entre Odisseu e Aquiles”, mormente registradas por uma passagem da *Odisséia* que diz da rivalidade conflituosa, querelenta, entre esses dois heróis aqueus na campanha troiana como sendo um dos temas componentes do repertório épico do aedo, ali figurado pelo nome do feácio Demódoco. É a tradição do primeiro tema que comporta propriamente o recurso às formas duais, enquanto o segundo importa para dar ao episódio uma concepção artística inovadora, consumada por verdadeiro “golpe de mestre do poeta”, nele integrando a problemática da rivalidade tradicional implicada pelos (des)encontros daqueles dois heróis<sup>15</sup>.

Então, finaliza a artesanal crítica textual de Nagy, “a cena da Embaixada, no estado em que a dispomos, não é um canhestro remendo de textos mutuamente irreconciliáveis, mas antes uma orquestração artística de variantes de tradições narrativas”<sup>16</sup>.

E, todavia, mesmo esta, assim redescoberta, refinada arte homérica de composição poética do episódio, nos termos em que a desvenda a leitura crítica de Nagy não deixa de apresentar, ela mesma, implicações paradoxais, senão mesmo contraditórias, em sua teleologia hermenêutica. Pois, irônica peripécia de sua trama aferidora de inteligência artística: se a tradição épica

então atualizada por Homero na consecução inovadora do episódio da Embaixada porta em si o sentido da violenta animosidade entre Aquiles e Odisseu, seria então consistente que o poeta assim concebesse ser Odisseu, entretanto, inimigo odioso a Aquiles, um apropriado agente persuasivo a induzir, por sua presença pessoal na embaixada, os melhores apelos com que se viabilizaria o retorno do herói aos combates, acalmando sua ira furiosamente agastada contra os aqueus sectários de Agamêmnon? E, assim, o poeta o teria concebido como iniciativa própria dos desempenhos de prudente conselho do exemplarmente sábio Nestor? Excluir Odisseu do círculo dos aqueus “mais caros” a Aquiles, almejando assim solucionar a anomalia textual da forma dual iliádica, não se faz sem percalços, pois se conserta um equívoco às custas de outro, e salva-se a arte do poeta arruinando-a!

Ainda, se “a suspeita de Aquiles ao ouvir o discurso de Odisseu parece justificada”, com o Pelida o rejeitando peremptoriamente em duros termos acusatórios contra sua falsidade astuciosa, e se esta manobra astuciosa odisséica é especialmente operada no discurso pela manipulação com que o herói ajustou os termos da mensagem de Agamêmnon, então a denúncia de odiosidade pronunciada por Aquiles contra quem oculta seus reais pensamentos a expor falsos propósitos – assim derivada consoantemente como resposta conseqüente aos termos da proposta que lhe acabara de ser comunicada – só em segundo plano poderia se reportar à figura de Odisseu, pobre vítima expiatória de sua missão transmissora de notícias odiosas. Pois, Aquiles desconhece qual era o teor da fala e mensagem original completa de Agamêmnon, sendo dela apenas inteirado como tal pela formulação apresentada por Odisseu, já obliterada de sua parte final! Se a astúcia, objeto da denúncia de odiosidade que lhe vota Aquiles, é a manobra obliterante operada no corpo da mensagem da proposta, então o alvo dessa odiosidade teria de se voltar mormente contra Agamêmnon como seu sujeito proponente, antes do que contra Odisseu, apenas seu mensageiro portador. De modo que a projeção pelo crítico de mais determinações hermenêuticas a intentar harmonizar os sentidos do texto

superando algumas anomalias, todavia, desencadeia outras, tanto ou mais contraditórias que as primeiras!

Sétimo ano da Guerra do Peloponeso (425/4 a . C.), primavera, algo antes do pleno amadurecimento do trigo, quando os espartanos iniciavam mais outra campanha anual de devastação dos campos da Ática, eis que os atenienses ocuparam a localidade de Pilos, um promontório ao norte das costas da Messênia, ali estabelecendo uma fortificação.

Esparta, reconhecendo a gravidade do ocorrido que ameaçava desestabilizar uma área de fundamental importância para o Estado lacedemônio – sede de exploração de terras agrárias e suprimento de trabalho servil hilita –, dispôs-se a obstar aquele empreendimento bélico. Armou uma expedição visando desalojar os invasores. Para tanto, haveria de impedir o eventual reforço que a frota ateniense, reconhecidamente superior à peloponésia, pudesse prestar aos incômodos ocupantes.

Defronte ao promontório de Pilos, estendendo-se ao longo de toda a área de porto que se abria ao sul, onde ficava a ilha de Esfactéria, dispoindo como que uma barreira natural que reduzia os acessos navais a apenas duas entradas, uma ao norte outra ao sul, pelos canais formados entre os extremos da ilha e as costas continentais. Os espartanos tencionavam bloquear, por meio de um enfileiramento cerrado de seus navios com as proas voltadas para o mar largo, essas duas passagens, obstando assim a aproximação da frota ateniense. O projeto bélico, diz Tucídides, era plenamente factível, dada a estreiteza daquelas duas únicas passagens, pois, pelo norte, não cruzavam mais do que dois navios, e pelo sul, no máximo oito ou nove (IV.8).

Por toda a Antigüidade jamais se conscientizou qualquer advertência crítica que apontasse, no relato tucidideano, algum tipo de erro ou equívoco cometido pelo célebre historiador<sup>17</sup>. Em particular, mesmo os geógrafos antigos que descreveram os locais que foram cenário daquele episódio bélico, nada registraram a contestar os informes dados por Tucídides.

Bem, a ilha ainda por lá se encontra, ao que se supõe, exatamente no mesmo lugar, não constando da tradição clássica que Esfactéria fosse uma dessas ilhas maravilhosas de que falam mitos

e lendas, a flutuar vagantes daqui para lá sem se ancorar em ponto fixo<sup>18</sup>. E lá estão também os dois canais, norte e sul. Ora, por inícios do século XIX, os viajantes modernos que examinaram a topografia das costas da Moréia em missões militares – assim o coronel Leake a serviço de sua Majestade britânica pela primeira década desse século –, também imbuídos do melhor espírito antiquário crítico, não descuidaram em ajuizar a melhor precisão historiográfica do relato tucidideano. Então, efetuadas as medidas das duas passagens, constatou-se que ambos os canais são mais largos do que o suposto pelo informe do historiador: pelos cerca de 137m da norte passam mais do que duas naus antigas, e pelos 1280m da sul, mais do que oito ou nove<sup>19</sup>.

Tucídides se equivocara! Erro de imprecisão no informe de realidade factual imperdoável para historiador cujo preceito metodológico maior, justamente celebrado, era o exame de acribia a que submetera seus dados historiográficos. Arruína-se, então, a fama secular de sua competência, modelar de objetividade e precisão factual. Ou, talvez, ainda não! Pois, a salvar o melhor crédito do historiador antigo pode-se conjecturar uma correção em seu texto de modo a conciliar a positividade do relato: leia-se, referenciado naquela sua passagem, não navios, mas sim estádios. Adotando-se para este padrão de medida seus valores mínimos, entre 130 a 150m, harmonizam-se ambas as ordens de realidades, constatações de medidas empíricas modernas e informes historiográficos tucidideanos: dois estádios para o canal norte dá entre 260 a 300m, contra os 137m medidos, e oito/nove para o sul dá entre 1040 a 1200m, contra os 1280m medidos<sup>20</sup>.

E, todavia, por essa zelosa intervenção da crítica moderna, em seu afã de depurar as inconsistências do texto tucidideano, compõe-se irônica peripécia a produzir resultado justamente contrário ao desígnio almejado. Pois, assim entendendo que Tucídides teria referido estádios e não navios, a hermenêutica daquela passagem diria que o célebre historiador, querendo significar que era pela estreiteza daquelas duas únicas passagens que se viabilizava a consecução do plano espartano de sua barragem, fazia-o, entretanto, especificando-a por referência às medidas mais largas. Em suma, o célebre historiador, pretendendo

afirmar a estreiteza, informava a largueza! Ao tentarmos assim salvar a consistência positiva dos dados por que prima a competência historiográfica de Tucídides, arruinamos, em contrapartida, sua melhor inteligência.

Já Robert B. Strassler propôs uma reconstituição das etapas iniciais da Campanha de Pilos, precisando-a por operações de crítica textual próprias da metodologia historiográfica a que submeteu a narrativa tucidideana, deslindando assim toda a trama dos planejamentos militares que enredaram a factualidade histórica desse episódio da Guerra do Peloponeso.

Por boas razões de ordem militar (segurança mais efeito surpresa), Demóstenes, que planejara o estabelecimento da fortificação ateniense em Pilos, intentou manter secreto o empreendimento, não o revelando nem mesmo aos estrategos que iam no comando da frota ateniense, Sófocles e Eurimedonte. E levou a tal extremo seu intento que acabou por inviabilizar o comprometimento destes no mesmo. A prioridade da missão, objetaram eles contra a proposta de Demóstenes, era levar o quanto antes socorro aos partidários atenienses em Corcira, o que era tanto mais urgente, porquanto acabavam de saber que a frota peloponésia já lá se encontrava a sustentar a facção adversária.

Mas então adveio a tempestade, a frota ateniense foi arrastada a abrigar-se justo em Pilos, o mau-tempo a obrigando a ali demorar uns dias. Demóstenes voltou à carga, agora já descortinando a que objetivos estratégicos respondia aquela fortificação, a assim melhor persuadir a anuência dos dois estrategos. Tudo em vão, estes permaneceram firmes em sua decisão anterior, a recusar qualquer iniciativa de construção do forte a arruinar a urgência de sua missão junto a Corcira. Nem mesmo os guerreiros comuns da frota, para os quais voltou-se então Demóstenes em sua manobra persuasora de cumplicidade com aquela empresa, dispuseram-se a seu lado. Mas persistia o mau-tempo, os guerreiros entenderam-se com tal inatividade, e então puseram mãos à obra, e construíram o forte, mesmo que precário, em seis dias!

Mas, inquire Strassler, seria esta uma “descrição ou explicação plausível” dos fatos, ao assim asseverar a tropa de guerreiros como sujeito, e o tédio da inatividade como sua instância

mobilizadora, determinante do acontecimento? Há aqui, aponta o crítico, algumas inconsistências, senão mesmo contradições no relato tucidideano. Pois, “se os estrategos haviam recusado o plano de Demóstenes de fortificação de Pilos por meio de importantes considerações políticas e militares, dificilmente poderiam agora, pouco depois, permitir que um capricho ou impulso de guerreiros comuns passasse por cima de sua decisão”. A não ser que se tratasse de um motim revoltoso da tropa guerreira contra a autoridade de seus comandantes, hipótese esta, entretanto, implausível, seja porque assim concebe acontecimento todavia inédito na “história militar ateniense”, seja porque é contradito pela posterior cooperação que aqueles estrategos viriam a dar ao desdobramento do plano da fortificação ateniense.

Não, conclui Strassler, a decisão que consumou os trabalhos de fortificação não veio da tropa, mas sim do comando mesmo, dos dois estrategos! Uma tal primeira conclusão então supõe mais outra, conseqüente, pois, se eles eram de início peremptoriamente contrários àquela fortificação, devem ter depois mudado de opinião, assim alterando sua decisão primeira de recusa. E o fato, assim criticado da narrativa tucidideana por Strassler, vai começando a precisar suas determinações positivas.

Assim, argumenta Strassler, pode-se entender que os estrategos não eram lá tão incondicional e absolutamente contrários à empresa planejada por Demóstenes. Na réplica que eles então dirigiram a este último – “não faltavam promontórios desertos no Peloponeso, caso ele desejasse por uma ocupação que a cidade tivesse despesas” – percebe o crítico, irrelevada a ironia aludida pelos gastos inúteis, uma velada promessa da parte dos estrategos de, após o retorno da frota uma vez cumprida sua missão em Corcira, realizarem o plano demostênico de estabelecimento de uma base fortificada ateniense no Peloponeso. E a melhor fundamentar esta sua interpretação um tanto heterodoxa da frase tucidideana, Strassler arrazoa os seguintes argumentos:

A recusa dos estrategos em permitir o início dos trabalhos de fortificação enquanto a tempestade os mantinha parados em Pilos é usualmente entendido como uma indicação de sua oposição ao plano de Demóstenes, mas pode também ser visto como con-

sistente com a intenção da parte deles de posteriormente retornar e fortificar Pilos.

Eles sabiam que os espartanos reconheceriam as intenções de Demóstenes tão logo as fortificações começassem, e poderiam atacar a estrutura antes de que ela estivesse completada e fosse defensável. Estava claro, portanto, que uma vez iniciados os trabalhos de fortificação eles teriam que ser completados o mais rápido possível.

Mas esta exigência óbvia conflitava com a própria determinação deles de navegar para Corcira assim que o tempo permitisse. Se os trabalhos de fortificação fossem interrompidos pela partida da frota para Corcira, o plano de Demóstenes estaria irremediavelmente arruinado, porque os espartanos então alertados jamais permitiriam que os atenienses retornassem para completar e ocupar as obras sem oposição.

De fato, a única via de reconciliar a prioridade de Corcira com uma futura possibilidade de fortificação de Pilos era no sentido de que os atenienses postergassem a construção até que ela pudesse ser completada sem interrupção, e evitar todas as demais ações que pudessem prematuramente revelar o projeto ao inimigo.

Por tal arazoado, então conclui: “This is sound military logic”<sup>21</sup>.

E, todavia, não fica muito claro por qual imposição lógica toda esta projeção reconstitutiva do pretense arazoado porque os dois estrategos teriam supostamente embasado aquela sua recusa ao projeto demostênico de imediata fortificação de Pilos, assim dada como válida para o momento da ida da frota para Corcira, não o fosse similarmente também para não recomendá-lo igualmente na volta porque inviabilizado pelas mesmas razões? Porque então não atuariam os mesmos fatores de avaliação da logicidade militar problemática da empresa supostamente apontados. Pois, também depois “os espartanos reconheceriam as intenções de Demóstenes tão logo as fortificações começassem, e poderiam atacar a estrutura antes de que ela estivesse completada e fosse defensável. Estava claro, portanto, que uma vez iniciados os trabalhos de fortificação eles teriam que ser completados o mais rápido possível”. Por qual misteriosa razão só na volta poderiam “evitar todas as demais ações que pudessem prematuramente revelar o projeto ao inimigo”? Quer me parecer que um tal arazoado não seja lá *sound logic*, a não ser que o seja para demérito maior do *military*!

A seguir, por que razão, entende Strassler, teriam os estrategos mudado de opinião, autorizando, ainda antes da partida para Corcira, o início da fortificação de Pilos? Assim imagina o crítico o que então se passara:

Concluo, portanto, que foram os estrategos que mudaram de opinião e ordenaram o início da fortificação de Pilos, mas isto não em razão de qualquer argumentação da parte de Demóstenes. Talvez nunca possamos saber o que os levou a esta reviravolta, mas há uma possibilidade que é a mais simples e defensável: se os atenienses em Pilos ficaram sabendo que a frota peloponésia deixara Corcira, esta informação teria removido a ameaça e/ou a oportunidade que motivara a decisão dos estrategos de navegar diretamente para lá, e os teria deixado sem outra razão para retardar mais ainda a construção do forte. Em IV.8 Tucídides diz que os espartanos haviam já mandado uma mensagem chamando de volta a frota em Corcira quando Ágis e seus exércitos chegaram da Ática. Obviamente, se a frota deixou Corcira a tempo de que notícias de sua partida fossem levadas a Pilos e lá disparassem a decisão de construir o forte ali, então os espartanos devem tê-la chamado de volta em resposta a uma outra ocorrência bem anterior. O único acontecimento anterior que poderia possivelmente ter causado que os espartanos chamassem de volta sua frota é a partida mesma do Pireu da expedição ateniense para a Sicília. A distância de Atenas a Corcira via Corinto e Patras é de aproximadamente de 300 milhas. Trirremes e postos de muda de mensageiros a cavalo podiam provavelmente cobrir 100 milhas em doze horas diurnas e ainda mais caso viajassem à noite. Sinais luminosos de fogo podem provavelmente transmitir mensagens simples, previamente definidas, a 50 milhas por hora. Assim as notícias da partida da frota ateniense teriam certamente alcançado Corcira em dois ou no máximo três dias - a tempo de permitir a retirada segura da frota peloponésia de Corcira para Cilene, o mais próximo porto peloponésio. Assim que os espartanos em Corcira ficaram sabendo da vinda da frota ateniense, sua conduta a mais conservadora e característica teria sido navegar de volta para casa o mais breve possível. Sua partida teria sido rapidamente seguida por aquela de um segundo barco de mensagem (o primeiro fora despachado por agentes atenienses em Corcira anunciando à frota ateniense cruzando pela altura da Lacônia a chegada dos navios peloponésios (4.3) em Corcira. Mais informações acerca dos movimentos da frota inimiga podem ter vindo de agentes pro-atenienses em vigília nas costas peloponésias junto à saída do golfo de Patras que podem ter observado a frota peloponésia quando ela navegava para

o sul desde Lêucade, despachando então um barco para levar a notícia do que vira a Zacinto e de lá a Pilos (...)<sup>22</sup>

E, todavia, o que diz Tucídides a esse respeito é que os estrategos, quando foram detidos pela tempestade em Pilos, haviam acabado de ser informados, ao navegar a frota à altura da Lacônia, justamente da notícia contrária, de que a esquadra peloponésia já se encontrava em Corcira!

Outra (in)consequência intrigante da interpretação especulativa de Strassler: como é que a notícia aos atenienses em Pilos da partida da frota peloponésia de volta de Corcira chega em Pilos (ensejando aos estrategos mudarem de opinião, a agora autorizarem a fortificação, pois passada a urgência da missão em Corcira) antes do que a frota peloponésia mesmo, que de lá partira para Pilos (ao que informa Tucídides) certamente antes do que partira a notícia aos atenienses?

De modo que uma primeira pretensa solução de um suposto problema de crítica textual de determinação factual arrazoada por Strassler desencadeia, entretanto, pelo menos dois outros a, por sua vez, reclamarem outras tantas especulações, as quais visam agora harmonizar soluções outras, proliferando então mais e mais encadeamentos de conjecturas, tanto de dados informativos todavia silenciados pelo texto quanto de projeções hermenêuticas a desvendar os dados últimos de realidade factual. Assim o crítico desanda a estimar velocidades de trirremes e dias gastos de viagens por determinados percursos de modo a conciliar uma ordenação cronológica condizente para todos os episódios, o que requer, por sua vez, mais outras conjecturas e suposições sincronizadoras, a agora fazer a tempestade chover sobre Pilos por pelo menos quatro dias até que chegasse a notícia e os estrategos mudassem de opinião; e a fazer desviar o destino da frota peloponésia de volta de Corcira, supondo que não fosse ela de imediato em socorro de Pilos a impedir os trabalhos da fortificação ateniense, mas sim para Cilene; e a conceber um curioso mecanismo de transmissão de ordens do Estado espartano, em que a mesma não advém nem passa por seu centro institucional de decisão, mas se comunica diretamente entre

os diversos palcos de guerra; e a imaginar a existência de redes de agentes, pró-atenienses e pró-peloponésios, espalhadas por vários locais a agilizar um sistema de transmissão de informações que mais lembra a Guerra Fria do que a do Peloponeso!

Na hermenêutica do texto historiográfico tucidideano, ou talvez mesmo na dos autores clássicos em geral, a apreciação das intervenções críticas do intérprete moderno, almejando esclarecer e precisar ou seus informes de realidade ou seus princípios e regras de metodologia crítica, quer concertando seus erros quer plenificando suas ambigüidades, termina, todavia, por intrigar outras imprecisões, senão mesmo acarretar outras incoerências tanto mais danosas à melhor inteligência da obra.

Já outros analistas advertiram contra os abusos dessa transferência de conceitos e práticas, ao confundir as realizações historiográficas antigas pelas modernas, cobrando das formulações de crítica daquelas os imperativos reclamados destas. Nicole Loraux sentenciou: "Thucydide n'est pas un collègue". Claude Calame, desdobrando o alcance dessa advertência, que denuncia ainda as miopias de hermenêuticas burocráticas rotuladoras de fragmentações do saber em impérios de disciplinas setorizadas por seus distintos conceitos e métodos - história, filosofia, crítica literária, drama ... - ponderou como, na narrativa historiográfica herodoteana, o fato histórico Batalha de Maratona não responde propriamente por uma descrição de referência empírica das realidades factuais do acontecimento, mas antes o faz enquanto o percebe e memoriza conceitualmente como ordem de batalha hoplita conformada por "coreografia ao modo épico de movimentos bem equilibrados, dignos das mais belas performances de coros trágicos na orquestra do teatro de Atenas"<sup>23</sup>. Em termos mais gerais, Gordon S. Shrimpton<sup>24</sup> advertiu contra os desvios epistemológicos da crítica historiográfica moderna em relação à sua similar antiga, ao projetar na avaliação desta os paradigmas e padrões de cientificidade, já agora obsoletos, de um princípio de objetividade estruturado por pobre imitação do empirismo de Francis Bacon e do experimentalismo de Robert Boyle. Buscar na narrativa historiográfica conceitualizada dos antigos as precisões realistas daquela descrição empírica desvirtua a

inteligibilidade do texto por afans de crítica tanto mais inócuos em seus esforços identificadores quanto tanto mais reiteradas suas empresas assim eternamente inconclusivas.

Hannah Arendt, logo no prólogo de *A Condição Humana*<sup>25</sup>, situa como um dos dilemas sobrepostos para o homem moderno um certo descompasso de linguagens com que ele se defronta face aos feitos e êxitos do saber científico realizado por tantas e vertiginosas conquistas tecnológicas:

Embora tais possibilidades pertençam ainda a um futuro muito remoto, os primeiros efeitos colaterais dos grandes triunfos da ciência já se fizeram sentir sob a forma de uma crise dentro das próprias ciências naturais. O problema tem a ver com o fato de que as verdades da moderna visão científica do mundo, embora possam ser demonstradas em fórmulas matemáticas e comprovadas pela tecnologia, já não se prestam à expressão normal da fala e do raciocínio. Quem quer que procure falar conceitual e coerentemente dessas verdades, emitirá frases que serão talvez não tão desprovidas de significado como um círculo triangular, mas muito mais absurdas que um leão alado (Erwin Schrödinger).

E desse descompasso de inteligibilidade conseqüente a confusões de linguagens conceituais e consoantes formas de pensamento, diz também uma outra advertência epistemológica, emergente das teorias inaugurais da Mecânica Quântica.

Uma fórmula matemática bem simples define o Princípio da Incerteza, primeiramente formulado por Werner Heisenberg em 1927:

$$\Delta x \cdot \Delta p = h/2\pi$$

Assim exposta pela aridez de sua mera formulação matemática, o Princípio afirma que o produto da incerteza na determinação da posição de uma partícula pela incerteza na determinação de seu momento conjugado (e, pois, velocidade) é sempre igual ou maior do que o valor de uma dada razão da constante de Planck. Implica, portanto, que ao se aumentar indefinidamente a precisão ou certeza na determinação do conhecimento de uma dessas duas quantidades ou variáveis, explode de incerteza e imprecisão a determinação do conhecimento da outra. O Princípio interdita, pois, a determinação precisa do conhecimento de

ambas as variáveis simultaneamente, um deles atualizando-se apenas às custas do outro.

Henrique Fleming, em um aparentemente desprezencioso artigo de divulgação desse mesmo Princípio<sup>26</sup>, desvendou, entretanto, toda a beleza epistemológica magnificamente condensada naquilo que aparentava não ser muito mais do que uma fórmula matemática, aliás das mais simples.

Pois aquela interdição comportava uma intrigante implicância: no âmbito atômico, pensando-se o movimento de suas partículas, “era impossível calcular a trajetória pela razão de que não existia trajetória!”. Sim, porque apesar de estarmos a discorrer acerca seja da posição seja da velocidade (momento conjugado) de uma tal partícula, não podemos determinar com precisão o conhecimento de ambos simultaneamente, de modo que fica inviabilizada qualquer aspiração de se apreender sua trajetória, essa percepção espacialmente visualizada que interconecta os estados sucessivos de seu movimento. Então, na Mecânica Quântica, elabora-se um discurso cognitivo teórico de uma cinemática das partículas onde, entretanto, não tem qualquer sentido pensá-la em termos de um de seus conceitos básicos, trajetória! A inteligibilidade dessa outra cinemática supõe, assim, o deslocamento e inutilização de modalidades conceituais clássicas de descrição do movimento, agora não propriamente operacionável em termos de visualização de trajetórias. Exigia-se, aqui, na Mecânica Quântica, uma outra “sensatez”, que não propriamente a vislumbrada pela Mecânica Clássica, a assumir como “natural tentar obter os espectros atômicos sem falar em trajetórias, nem mesmo, na verdade, supor a existência de trajetórias”. O impasse cognitivo, portanto, vinha disposto pelas pré-suposições, pré-conceitos, transferidos de outros domínios do saber, que, por mais óbvios, evidentes e consagrados que fossem neste, não se impunham naquele.

Então, dentre outras implicações filosóficas descobertas pelo Princípio – ou epistemológicas (a asseverar “a impossibilidade de se ignorar a interação observador-sistema observado (...) uma vez que o distúrbio causado pela observação é comparável aos próprios fenômenos que estão sendo observados”) ou até metafí-

sicas (a almejar saber “se a Natureza é inerentemente indeterminista, ou se o determinismo é rompido pelo ato de observação”) –, também uma de, para nós críticos clássicos, sugestiva advertência diretiva na consecução do saber humano: “(...) não faz sentido penetrar em uma escala muito mais profunda do que a do elétron (...) e realmente há um domínio além dessa escala (...) que o homem, com suas presentes limitações, não está em condições de penetrar”.

Estaríamos nós, críticos modernos, em nossos afãs de investigar criticamente os sentidos dos textos antigos, imbuídos de algum paradigma de precisão positiva em nossa pretensão de apreender a plena realidade histórica por esses textos referenciada? Ao ou “acertar” ou “consertar” os supostos “erros” que as razões de nossa crítica neles contesta a inadmissibilidade, não estaríamos justamente a lhes impor padrões de inteligibilidade que, se por um lado propiciam maior precisão no conhecimento de certos aspectos dessa realidade, por outro, explodem em indeterminações de tantas mais incongruências decorrentes?

E, dado que a investigação cognitiva opera por esse nexos em que interagem sujeito e objeto, haveria naquela escala do que é pequeno em termos de precisão e certeza nos objetos cognitivos da textualidade clássica antiga algum ponto de “justo meio” de sua abordagem, com que se idealizasse os aportes hermenêuticos projetados por ambos esses pólos, ou que pelo menos minorasse os excessos dos distúrbios subjetivos da análise mas que também não recaísse nas faltas de uma leitura objetivante supostamente inerte ou passiva?

Todavia, o ponto preciso do “justo meio”, para nós humanos, talvez seja objetivo inalcançável! Assim, pelo menos, o entende a história bíblica do *Êxodo* que, ao narrar o episódio da travessia do deserto pelo povo de Israel libertado do cativeiro egípcio, a ele alude como prerrogativa da transcendente sapiência divina. Pois Jeová instrui-lhe devidamente como ele o alimentaria:

Eis o que o Senhor vos mandou: “recolhei a quantia que cada um de vós necessita para comer, quatro litros e meio por cabeça,

de acordo com o número de pessoas; cada um recolherá para os que moram em sua tenda”.

Assim fizeram os israelitas, recolhendo uns mais, outros menos. Mas ao medirem depois as quantias, não sobrava a quem tinha recolhido mais, nem faltava a quem tinha recolhido menos<sup>27</sup>.

## NOTAS

<sup>1</sup>HOMERO. *Iliada*, IX. (tradução de Cascais Franco).

<sup>2</sup>*Idem*, IX.

<sup>3</sup>*Idem*, IX.

<sup>4</sup>NAGY, G. *The Best of the Achaeans*. Baltimore Nd London, Johns Hopkins University Press, 1979, pp. 42-58.

<sup>5</sup>*Iliada*, IX, vs.167-170.

<sup>6</sup>*Idem*, vs. 179-181.

<sup>7</sup>*Idem*, vs. 192.

<sup>8</sup>*Idem*, vs. 223-225.

<sup>9</sup>*Idem*, vs. 656-657 e 673s.

<sup>10</sup>“This pattern of self-assertion on the part of Odysseus reflects in particular on one of his many traditional roles, that of the trickster” (p. 51).

<sup>11</sup>“(…) the acceptance of such compromised terms by Achilles would thus have aborted his heroic stature in the Iliad. The success of Odysseus in the Embassy would have entailed the failure of Achilles in his own epic” (pp. 51-52).

<sup>12</sup>*Iliada*, IX, vs.312-313.

<sup>13</sup>“Hail to the two of you: you have come as friends. I need you very much - you two who are the dearest to me among the Achaeans, even now whwn I am angry” (p. 52).

<sup>14</sup>*Idem*, p. 58.

<sup>15</sup>“If, in turn, the insertion of Odysseus into the Embassy story carries with it the traditional theme of an enmity between him and Achilles, then the narrative of Iliad IX may allow the retention of duals referring to the pair of Ajax and Phoinix when the time comes fos Achilles to greet the Embassy. For na audience familiar with another version of the story where Achilles had only two emissaries to greet, the retention of the dual greeting when Odysseus is included in the Embassy surely amounts to na artistic masterstroke in the narrative”, (p. 54).

<sup>16</sup>*Idem*, p. 49. Um similar projeto de crítica epistemológica, a reverter o sentido das teses da abordagem mais tradicional de inspiração positivista, finalizando revelar as cuidadosas, e mesmo primorosamente intrincadas, arquiteturas de composição artística elaborada naquelas passagens dos textos antigos em que justamente aqueles primeiros críticos acusavam antes contradições e demais anomaliás

compositivas de uma sua elaboração assim primária, senão grosseira, de erros, pode ser constatado ainda como uma tendência hermenêutica na apreensão crítica quer do texto tucidideano - veja-se especialmente a obra de RAWLINGS Hunter R. III., *The Structure of Thucydides' History*, de 1981, quer do aristotélico da *Athenaion Politeia* - especialmente na trajetória analítica porque seguiu a obra de John J. Keaney (confira-se nosso artigo final nesta coletânea).

<sup>17</sup>Assim confirmam-se as indicações dadas por W. Kendrick Pritchett (1994, p. 158) respeitantes aos relatos de Estrabão e de Pausânias; igualmente já o apontara Gomme (1956, p. 486).

<sup>18</sup>Assim a Eólia, ilha do senhor dos ventos (*Odisséia*, X, vs. 3), ou Delos.

<sup>19</sup>Confirmam-se as indicações dadas por HOMBLOWER S. *A Commentary on Thucydides*. V. 2. Clarendon Press, 1996, pp. 159-160.

<sup>20</sup>A emenda no texto tucidideano a incluir a leitura stadi/wn referenciada especialmente à passagem meridional foi proposta por um artigo de R. A. Bauslaugh, a seguir acolhido como "solução" para o impasse do assumir-se o "erro topográfico" tucidideano por W. Kendrick Pritchett (1994: 167-176) e por S. Hornblower (1996, pp. 159-160). Assim se pronunciou Pritchett: "R. A. Bauslaugh, *The Text of Thucydides IV 8.6 and the South Channel at Pylos*, JHS 99 (1979) 1-6, offered a solution which seems to us highly preferable to an assumption that the historian erred in an account so detailed and one bespeaking autopsy", (p. 167). E assim Hornblower: "R. A. Bauslaugh (...) offers an ingenious solution which would save Th.'s credit: he suggests that the text is at fault and the word <stadi/wn> has dropped out after o)ktw\ h)\ e)nnē/a. That is, what Th. meant was that the distance across the south channel was 'eight or nine stades'. Bauslaugh's theory was endorsed by Pritchett in 1994, EGH 167-175, and I accept it as the best way out", (p. 159).

<sup>21</sup>STRASSLER, R.B. "The opening of the Pylos campaign". In *Journal of Hellenic Studies*, vol. XC, 1990, pp. 110-125.

<sup>22</sup>*Idem*, pp. 114-116.

<sup>23</sup>CALAME, C. *The Craft of Poetic Speech in Ancient Greece*. Ithaca/London, Cornell University Press, 1995, pp. 94-95.

<sup>24</sup>Confirmam-se suas considerações em *History and Memory in Ancient Greece* às pp. 07-08; 19-20; 41-42; 50-52 e 80.

<sup>25</sup>ARENDET, H. *A Condição Humana*. (Tradução de R. Raposo), Rio de Janeiro, Forense, 1981, p. 11.

<sup>26</sup>*O Estado de São Paulo*, Suplemento Cultural, Ano II, Número 68, p. 06.

<sup>27</sup>Êxodo, 16, 16-18, tradução por Ludovico Garmus, *Bíblia Sagrada*. Petrópolis, Vozes, 1995, pp. 98-99.